

Matheus Henrique Lopes

ENSINO E APRENDIZAGEM DA ESGRIMA NA ESCOLA: um relato autobiográfico

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/ UFMG

2016

Matheus Henrique Lopes

ENSINO E APRENDIZAGEM DA ESGRIMA NA ESCOLA: um relato autobiográfico

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/ UFMG

2016

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato autobiográfico do processo de ensino aprendizagem das lutas no contexto escolar. Mais especificamente, narra o desenvolvimento de uma unidade didática de esgrima. Ao longo da realização das aulas utilizou-se como estratégia metodológica o registro fotográfico das mesmas, a partir deles, a elaboração de narrativas autobiográficas. O desenvolvimento da unidade didática e a elaboração de narrativas das aulas possibilitou relevante processo de reflexão docente, no tocante A) relação dos estudantes com o tema; valorização de saberes discentes prévios sobre a esgrima; reprodução de forma incidental de gestos técnicos da modalidade; produção/invenção de novos gestos técnicos. B) saberes docentes mobilizados: pesquisa relacionada ao tema; adaptação de espaços e materiais; novos olhares para os estudantes e suas práticas.

Palavras chave: Lutas na Educação Física Escolar. Narrativa. Formação Docente.

LISTA DE SIGLAS

UFC - Ultimate Fighting Championship

PCN~~ç~~ - Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

E.F. - Educação Física

SMED/BH . Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

PEI . Programa Escola Integrada

TCC . Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
	2.1 <i>Na busca de conceitos: o que é luta? O que é arte Marcial?</i>	7
	2.2 As Lutas no contexto escolar.....	8
	2.3 Escola de Tempo Integral: algumas considerações sobre o Programa Escola Integrada da SMED/BH	11
	2.4 Narrativas, pesquisa autobiográfica e formação de professores	13
3	METODOLOGIA.....	15
	3.1 Caracterização do estudo	15
	3.2 Sujeitos:	15
4	RELATOS DAS AULAS	17
	4.1 aula 1: conhecendo a esgrima	18
	4.2 Aula 2: primeiros passos.....	20
	4.3 Aula 3: apropriação de um implemento.....	23
	4.4 Aula 4: construção dos equipamentos	26
	4.5 Aula 5: enfim a luta	27
	4.6 Aula 6:Fim	30
5	ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS:	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE	41
	ANEXO.....	44

1 INTRODUÇÃO

Há poucos anos atrás, as lutas eram frequentemente confundidas com as brigas e equivocadamente associadas à violência. Entretanto, essa concepção está se modificando como afirmam So e Betti (2013). As lutas, os esportes de combate e as artes marciais vêm sendo popularizadas, deixando de ser uma prática reservada para poucos e tornando-se, gradativamente, reconhecidas, praticadas e discutidas. Atualmente observa-se uma quantidade e variedade de academias voltadas a estas práticas corporais; vários e novos filmes com esta temática e o papel da mídia que contribui para uma maior propagação, principalmente divulgando grandes eventos como o Ultimate Fighting Championship (UFC), olimpíadas e campeonatos mundiais.

As lutas no contexto escolar são abordadas de forma singular das academias e clubes de lutas. Assim como no desenvolvimento do esporte na escola, a Educação Física não tem o objetivo de produzir atletas e sim proporcionar experiências e conhecimentos reaplicáveis pelos alunos. Mas como podemos fazer isso? Como introduzir uma prática esportiva e competitiva e transformá-la em uma prática escolar?

Mesmo com uma popularização das práticas de lutas para a sociedade e um aumento na produção de literatura acadêmicas sobre esse mesmo tema como mostra o estudo de Correia e Franchini (2010), ainda existe uma dificuldade na aplicação dessa temática na prática escolar, o estudo de Ferreira (2006) relata que alguns desses motivos pode ser o distanciamento do professor com as lutas ou uma inexistência de uma fórmula/receita a ser seguida pelo docente para chegar ao resultado esperado, preferindo abordar temas menos complexos.

Nesse sentido, o presente texto apresenta uma discussão inicial que abarca os seguintes tópicos: diferentes conceitos de luta e artes marciais; as lutas no contexto escolar.

Em seguida apresento o relato da elaboração e desenvolvimento de uma unidade didática de lutas com o objetivo de analisar como se deu o processo de ensino e aprendizagem da esgrima. Nesse momento, tomo as narrativas autobiográficas como estratégia de relato e reflexão.

O emprego das narrativas, neste trabalho, se deu porque com as mesmas o professor/pesquisador tem a oportunidade de realizar uma reflexão e uma auto crítica de sua intervenção, contribuindo assim para uma melhor análise de todo o processo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Na busca de conceitos: o que é luta? O que é arte Marcial?

Neste tópico apresento uma breve discussão sobre as diferentes possibilidades de compreensão conceitual das lutas. Além disso, apresente também algumas considerações sobre as lutas como tema/conteúdo de ensino nas aulas de educação física e/ou na escola.

As lutas podem ser consideradas como práticas corporais inventadas pelos seres humanos há muito tempo, respondendo a diferentes contextos sociais (FERREIA, 2006). Nesse sentido, algumas civilizações antigas já apropriavam de atividades similares as lutas, como os gregos que apresentavam uma forma de combate, que posteriormente esteve presente nos primeiros jogos olímpicos. Os gladiadores romanos também já realizavam técnicas de lutas a dois e também há indícios na Índia e na China de várias formas organizadas de combate (MAZZONI; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Desta forma, segundo o mesmo autor, o conceito *luta* apresentou vários significados ao longo da história, utilizada como meio de autodefesa, espetáculo, condicionamento físico e dominação entre civilizações.

Numa tentativa de diferenciar luta de artes marciais, Drigo (2005) destaca que as artes marciais são atividades corporais de ataque e defesa, que também pode ser caracterizadas como lutas. O que as distinguem é a presença de uma filosofia, em sua maioria surgiram há séculos atrás e foram originadas no oriente (FERREIRA, 2006).

Na mesma direção, Morgan (1992, *apud* Souza Junior, 2010), também pontua que a palavra *marcial* faz referência ao deus romano marte, o deus da guerra, entendendo assim a arte marcial uma prática corporal relacionada ao contexto da guerra. Numa perspectiva histórica, em determinado momento, quando não existiam armas de fogo, as artes marciais tornaram-se uma importante estratégia de combate utilizados pelos guerreiros. Com a invenção e utilização das armas de fogo as artes marciais foram perdendo o sua importância na guerra.

Outra perspectiva de compreensão das artes marciais apontada por estudiosos relaciona-se à utilização dessas praticas corporais em diferentes contextos religiosos com o propósito de controle do próprio corpo, desenvolvimento espiritual e autodefesa.

Nesse sentido, Lemos (2012) afirma que as artes marciais apresentavam crenças, princípios, ideais que eram ensinados do mestre ao discípulo, buscando a cooperação ao invés da competitividade. Vinculada a essa perspectiva, destacam-se alguns valores morais associados à pratica das artes marciais, tais como: ser justo, não fazer mal uso das técnicas, defender os mais fracos, ser leal e colaborar para um mundo mais pacífico.

As modalidades esportivas de combate, como o próprio nome já faz referência, são as lutas e artes marciais desenvolvidas e praticadas como esportes. De um modo geral, essas praticas caracterizam-se por apresentarem um processo de institucionalização baseada na lógica da instituição esportiva, com o propósito de competições, aplicação de conceitos científicos, normas institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal (CORREIA & FRANCHINI, 2010).

2.2 As Lutas no contexto escolar

No contexto escolar, as lutas, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate vêm sendo consideradas como sinônimos e acabam sendo denominadas, de um modo geral, como Lutas. Nessa perspectiva, Gomes (2010) define luta como:

Prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente (GOMES, 2010, p. 221).

Na condição de um tema e/ou conteúdo a ser apresentado e ensinado aos estudantes, as lutas já estavam presentes na da Educação Física escolar desde a elaboração e publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN~~ç~~) de 1998.

Assim como nos PCN~~ç~~ as lutas continuam presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a seguinte definição:

As lutas, consideradas disputas corporais entre um ou mais participantes, empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa, dirigidas ao corpo do adversário, como fim. Nesse agrupamento, há uma grande quantidade de formas de práticas, quando considerada sua origem, uso ou grau de institucionalização, o que permite diferenciá-las em artes marciais (ex. kung fu), modalidades de combate (ex. luta greco-romana), lutas tradicionais (ex. huka-huka), sistemas de defesa pessoal (ex. kravmagá), entre outros (BRASIL, 2015, p.105,106).

Nas diferentes propostas curriculares elaboradas nos últimos anos o que se verifica é a tematização da luta separada do conteúdo de esportes. Conforme Rufino e Darido (2011) as lutas podem ser, e ao mesmo tempo, não ser esportes. Isso porque para uma prática ser considerada como esporte deve apresentar algumas características, como ter regras e competições oficiais, apresentar federações e confederação institucional entre outros. Sendo assim, existem lutas que são esportes como no caso de as que estão presentes nas olimpíadas e existem lutas que não são esportes, como a Capoeira e Huka Huka.

Segundo os mesmos autores, a separação das lutas dos esportes é um ponto positivo, pois as lutas abordadas como um dos conteúdos dos esportes seriam ensinadas de forma superficial e dividiriam espaço com vários outros esportes de tradição (principalmente esportes coletivos). Com essa separação as lutas ganham mais espaço e podem ser trabalhadas de maneira mais profunda e diversificada, possibilitando experiências mais significativas aos alunos.

Para Maduro (2015) quando se ensina as lutas na escola pode ser distinguidas em cinco grandes grupos:

- Técnicas de impacto . utilizam os pés, joelhos, canelas e as mãos para golpear, pode se identificar neste grupo o Taekwondo, o Caratê e o box.
- Técnicas de projeção . objetiva se em derrubar o colega por meio da força, velocidade, flexibilidade, equilíbrio dentre outras valências físicas, assim como é visto no Sumô, Judô e luta olímpica.
- Técnicas de lutas no solo . através de técnicas e estratégias adequadas, dominar o adversário no chão, nesta categoria, podemos observar o Jiu-Jitsu, o Judô e a Luta Olímpica.
- Técnicas de torção . objetiva se explorar o limite articular, muito utilizados nas defesas pessoais e utilizadas no Hapkido, no Aikido e no Jiu-Jitsu.
- Uso de instrumento . modalidade que apropria de um instrumento para atacar e se defender, como a Esgrima, o Kung fu e o Kendo.

Gomes (2010) também classifica e ressalta a importância das distâncias para o objetivo de cada tipo de luta, caracterizando-as em *longa, média e curta distância*. As modalidades de longas distâncias seriam as lutas que utilizam um implemento, como exemplo o Esgrima e o kendo, que necessitam de um espaço maior entre os praticantes para que possa dar uma maior dinâmica da luta, focando em tocar com o implemento no adversário. As modalidades de media distancia apresentam um espaço moderado, a aproximação é feita para golpear/tocar o oponente, podendo ser com as mãos, braços, cotovelos, pés, pernas e joelhos, como exemplos o Taekwondo e a Muay Thi. Já as modalidades de curta distância os espaços entre os oponentes são quase nulos, ha um contato direto e o objetivo é desequilibrar, rolar, projetar, controlar, imobilizar e excluir o adversário como, por exemplo, o Jiu Jitsu e o Sumo.

Nesta perspectiva, a metodologia das aulas de lutas na escola, assim como nos demais conteúdos, não deve ser orientado apenas para o ensino da técnica e sim possibilitar vivências de aspectos corporais, respeitando suas características de crescimento de modo que os alunos possam sentir prazer, passar por transformações e possibilitar que façam adaptações para ser utilizadas ao longo de sua vida (SOUZA JUNIOR; SANTOS, 2010).

Rufino e Darido (2015) argumentam que a técnica pela repetição no contexto da E.F. fica vazia e sem graça. As técnicas devem ser ensinadas, mas também deve-se criar condições para que os alunos criem seus próprios significados e gerem atitudes críticas e criativas sobre suas próprias realidades. Para os autores, a escola tem um papel muito mais importante do que a simples aplicação e execução de golpes aos alunos. Ensinar lutas é ampliar as visões sobre essa prática corporal, possibilitar que os alunos criem outro olhar sobre suas práticas.

No ensino das lutas na E.F. pode ser utilizadas em algumas formas de jogos (RUFINO; DARIDO, 2015). Os jogos de oposição, são atividades em que ocorre o confronto entre duplas, trios ou quartetos e que apresentam o objetivo de superar o(s) adversário(s) impondo fisicamente ou marcando pontos, respeitando as regras principalmente para não machucar o colega durante a atividade (SOUZA JUNIOR, OLIVEIRA, SANTOS, 2010). Por meio dos jogos de oposição, pode-se trabalhar a vivência corporal e o autoconhecimento dos alunos (SOUZA JUNIOR, SANTOS, 2010).

2.3 Escola de Tempo Integral: algumas considerações sobre o Programa Escola Integrada da SMED/BH

A experiência de ensino de esgrima que apresentarei um pouco mais a frente foi realizada em uma escola municipal da cidade de Belo Horizonte. Mais especificamente, a realização da unidade de ensino se deu no contexto de desenvolvimento de uma oficina de Lutas que faz parte do *cardápio* de atividades oferecidas na escola por meio do Programa Escola Integrada.

Nesse sentido, apresento algumas breves considerações sobre a experiência de ampliação do tempo de escolarização que vem sendo desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH).

Segundo Amaral (2014) a educação Integral já vem sendo debatida no Brasil desde 1930, era defendida principalmente pelo educador Anísio Teixeira que objetivava

uma proposta educacional de forma que valorizasse práticas do cotidiano, realizando assim uma educação à vida. Assim como antes, hoje a Educação Integral entende que o cidadão não deve ter apenas a formação cognitiva, mas também ter uma condição multidimensional. Para que seja construída uma educação total do indivíduo é necessário dar a oportunidade e acesso a novos meios de aprendizagem, essa aprendizagem ocorre a todo tempo, em diferentes lugares e relações, acontecendo com os pais, amigos, família, espaços formais e informais (GONÇALVES, 2006).

Seguindo com a concepção da educação integral e amparada na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Brasileira a câmara Municipal de Belo Horizonte sancionou a lei 8.432 de novembro de 2002. A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte em 2006, desenvolveu um estudo piloto com 07 escolas situadas em áreas de maior vulnerabilidade social. No ano de 2007 já abriram a oportunidade de mais escolas se aderirem ao programa. Em janeiro de 2010 a Secretaria Municipal de Educação se vinculou ao Programa Mais Educação do governo federal, o que fez com que difundisse mais o programa nas escolas nas escolas. No final de 2011 já haviam 148 escolas vinculadas ao programa e 400 parceiros entre públicos e privados, sendo eles parques, museus, clubes, empresas, entre outros (SILVA, 2013).

O programa atende o ensino fundamental, abrangendo alunos de seis a quatorze anos e apresenta uma jornada educativa de nove horas diárias. O programa tem como objetivo incrementar a qualidade do ensino, incorporando novas estratégias pedagógicas às atividades regulares das escolas+ (BELO HORIZONTE, 2007). No tempo a mais na escola os alunos podem ter acesso e desenvolver diversas atividades como acompanhamento pedagógico, práticas de esportes, lazer, formação cidadania, educação ambiental, artes, cultura digital e entre outras ações culturais. Esse aprendizado pode ocorrer de maneira formal, informal e não formal, podendo também acontecer dentro ou fora das dependências da própria escola.

2.4 Narrativas, pesquisa autobiográfica e formação de professores

Neste tópico apresento algumas reflexões iniciais sobre estudos que tomam as narrativas autobiográficas como referência, sobretudo alguns estudos que se relacionam com a formação de professores.

Segundo Almeida Junior (2016) as narrativas e as pesquisas autobiográficas vêm ganhando cada vez mais espaços entre as pesquisas de ciências sociais e no campo educacional. A pesquisa autobiográfica vincula-se às abordagens qualitativas de pesquisa. No âmbito escolar permite conhecer e tratar de assuntos do cotidiano docente, permitindo uma reflexão e discussão sobre as histórias de vida dos professores, por intermédio de memórias e narrativas como produção de conhecimento.

A narrativa segundo Prado (2015), é um importante instrumento para a formação dos docentes, com a ajuda dos relatos autobiográficos os professores podem avaliar suas atitudes em acontecimentos durante a preparação e na realização de suas aulas. Conseguindo assim construir uma autocrítica e reflexão de suas ações profissionais fora do valor da ação.

Benjamin (1994) destaca que a narrativa está entrelaçada no ato de recordar, permitindo criar novos significados a partir de suas experiências. O autor também ressalta a possibilidade da narrativa trabalhar com as dimensões temporais de passado, presente e futuro, de modo que ao rememorar/descrever uma ação no presente, mas se relacionando com o que aconteceu no passado, cria a possibilidade modificar suas ações futuras.

Cunha (1997) concorda que as pessoas ao narrarem situações já vivenciadas por elas, descrevem os acontecimentos reconstruindo a trajetória com um novo significado, ressaltando a possibilidade do leitor também ao ler a narrativa criar suas próprias reflexões dos fatos narrados. Cunha (1997) também afirma que o sistema social, por vezes, retira as possibilidades das pessoas criarem suas próprias reflexões, de modo que reproduzimos as coisas simplesmente porque é assim que tem de ser. E por meio da narrativa as pessoas se tornam visíveis para a sociedade

e assim como para elas mesmas, além de gerar trabalhos que condizem com suas realidades ou com realidades de seus similares, pois as vezes os problemas do seu cotidiano não é abordado em alguns outros métodos de pesquisa.

(...) a narrativa é um modo de organização legítimo para que os professores e professoras exponham seus saberes e experiências e construam instâncias de trocas a partir destas, e nestas, maneiras de dizer. Os saberes docentes se constroem pelo significado que cada professor/professora, enquanto autor/autora confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor e professora. (PRADO e DAMASCENO, 2007, p. 25)

Prado e Damasceno (2007) com o trecho citado a cima, mostram como os saberes docentes podem ser socializados através das narrativas como um saber legítimo para a área educacional. Com as narrativas podemos compartilhar as experiências com outros professores e mudando o seu jeito de pensar e agir.

Vale destacar que Abrahão (2006) aponta o dever ético do pesquisador ao escrever a narrativa, pois partem de ações da memórias seletivas que serão compartilhadas com outras pessoas. Porém, neste tipo de pesquisa não se deve focar apenas na descrição dos fatos, mas também deve tentar capturar o máximo de informações das ações. O narrar não é tentar reviver o momento e sim repensar o ocorrido com a concepção que você tem no presente.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo buscou narrar o processo de elaboração e desenvolvimento de uma unidade didática que tematizou a esgrima em uma escola caracterizando-se, portanto, por uma abordagem qualitativa. De acordo com Negrine (1999) esse tipo de abordagem se dá por uma investigação centrada na descrição, análise e interpretação dos dados produzidos por um processo investigativo, levando em consideração o contexto a qual está inserido. Os instrumentos não costumam ser baseados em fórmulas ou em dados matemáticos e sim por observações, questionários e entrevistas, que normalmente são realizadas no estado natural das ações e não recriadas em laboratório.

O trabalho também pode ser caracterizado como uma pesquisa descritiva, tipo de pesquisa utilizada para resoluções de problemas e melhoria das práticas por meio da observação. Dentro da pesquisa descritiva há algumas subcategorias, uma dessas é a pesquisa observacional, esta subcategoria apropriada da coleta de dados por meio de questionários, vídeos e a observações presenciais (Thomas e Nelson, 2002). Neste trabalho, para produção de dados consideramos as observações feitas durante as aulas e o registro das mesmas por meio de imagens fotográficas realizadas pelos próprios alunos durante as atividades com o auxílio de uma câmera digital.

3.2 Sujeitos:

Os participantes foram 20 alunos de uma turma inseridos no Programa Escola Integrada (PEI). Os estudantes estavam matriculados no terceiro ano do ensino fundamental (8 e 9 anos), da Escola Municipal Padre Flavio Giammetta, localizada na região do Barreiro, pertencente ao município Belo Horizonte em Minas Gerais.

Os encontros para o desenvolvimento da unidade didática ocorreram às quintas-feiras, no primeiro horário da Escola Integrada, de 08:30 às 10:00 horas. A turma foi escolhida por serem a turma mais velha pertencentes ao PEI no horário da manhã.

3.3 Estratégias de produção de dados:

Para o registro e produção das imagens fotográficas utilizamos uma câmera fotográfica digital Sony. A cada aula/encontro era delegado dois alunos a tarefa de produzirem as fotos. Cada estudante ficou responsável por produzir fotografias de metade do tempo da aula. Portanto, as fotografias utilizadas para a análise, foram produzidas pelos próprios alunos. Isso possibilita que os mesmos apresentem um olhar singular para as atividades desenvolvidas ao longo das aulas. Além disso, ao possibilitar que dois estudantes produzissem fotografias das aulas, tive acesso a uma maior diversidade de olhares sobre minhas aulas.

Em seguida, selecionei algumas fotografias das aula/encontro e iniciei a elaboração de uma narrativa para cada aula. No processo de escolha das fotografias, não segui nenhuma pauta ou critério pré-definido. Ao observar as imagens fotográficas elaboradas pelos estudantes, selecionei aquelas que mais me tocaram e me permitiriam recordar e analisar todo o processo vivido por nós.

4 RELATOS DAS AULAS

A elaboração deste trabalho e da unidade didática serviram como uma experiência nova, pois me fez pensar em elementos da minha prática e da minha formação que até então eu não dava a devida importância de refletir. Um desses exemplos é o fato de ao registrar minhas experiências, me faz pensar como eu lidaria com uma situação passada, no futuro, preparando assim qual seria uma melhor atitude tomada por mim.

A escolha da turma a ser desenvolvida a unidade didática se deu por ser o grupo de crianças, entre 08 e 09 anos de idade, que já vinham participando das oficinas de lutas a quase dois anos.

Abaixo, apresento o modo como venho organizando os conteúdos de luta ao longo dos três primeiros anos:

1º ano: *desenvolvimento de atividades, brincadeiras e jogos de oposição onde os alunos praticam atividades que incorporam elementos similares a algumas lutas, numa perspectiva mais lúdica.*

2º ano: *Continuidade das atividades de jogos de oposição, com ênfase em jogos similares a alguns tipos de lutas, com o objetivo de proporcionar desenvolvimento de tomadas de decisão, de forma que busquem qual a melhor estratégia para vencer determinada tarefa.*

3º ano: *ainda há o desenvolvimento de alguns jogos de oposição, entretanto, os mesmos sempre são relacionados a formas específicas de lutas, e podendo vivenciar algumas modalidades específicas.*

Nos encontros de orientação do TCC o professor orientador desafiou-me a elaborar e desenvolver uma unidade didática com um tipo específico de luta que fosse pouco conhecida por mim e pelos estudantes. Tendo como referência a categorização de lutas de longa distância, optamos pela esgrima.

Particularmente, considerei um desafio pois até aquele momento não havia construído experiências com a esgrima ou mesmo com outras modalidades de lutas com o uso de implementos.

Nos encontros seguintes, dedicados ao planejamento das aulas, fui novamente provocado pelo professor orientador a colocar no papel alguns pontos e justificativas que até aquele momento não considerava como tão relevantes, tais como, a definição dos objetivos de aprendizagem e as expectativas em relação a como os estudantes se relacionariam com o conhecimento apresentado nas aulas.

Em seguida apresento as seis narrativas elaboradas por mim, relativas ao desenvolvimento da unidade didática de ensino da esgrima.

4.1 aula 1: conhecendo a esgrima

A primeira aula foi programada para que a maioria dos alunos tivesse um primeiro contato com a modalidade a ser desenvolvida. Eu acreditava que uma pequena parte já teria alguma noção de como era essa modalidade. Ao anunciar qual seria o tema a ser abordado os alunos ficaram bem alegres. Percebi que alguns já conheciam a esgrima, mesmo que superficialmente, mas até então não tinham a vivência de lutas de espadas que saíam das suas próprias regras. Começamos conversando como é a esgrima quanto um esporte, da forma que eles imaginavam o combate, o que se usa de vestimenta e onde se pratica. Nesse momento, me surpreendi quando falávamos das proteções; um aluno afirmou ter certeza que os atletas usavam sempre roupa branca. A turma informou que algumas professoras do ensino regular, com a influência das olimpíadas no Rio 2016, tinham trabalhado algumas das modalidades esportivas com os alunos e a esgrima foi uma delas. Dessa forma, a discussão ficou mais enriquecedora do que esperava.

Após a conversa inicial, assistimos alguns documentários sobre a prática da esgrima e percebemos que a maioria das informações que os alunos trouxeram no debate inicial estavam corretas.



Esta foto foi produzida enquanto fazíamos o debate inicial. Percebi que, por mais que eu tentasse apresentar algo diferente e de modo mais descontraído para os alunos, alguns ainda demonstravam pouco interesse. Entretanto, o que me deixou animado é que mesmo tentando manter um clima mais informal, a maioria dos alunos se demonstrou felizes e interessados durante as discussões.



Esta segunda imagem se deu no tempo em que os alunos se reuniram e pensavam para decidir como iriam construir os seus próprios equipamentos na aula 4, tais como: a espada, o sabre e as proteções necessárias para as nossas práticas. Após este tempo foi decidido que faríamos os sabres de jornal, as espadas de papelão e,

com a boca de uma garrafa pet, fazer o "copo" (parte que protege a mão). Além disso, a partir de uma sugestão de um dos alunos, decidimos fazer a proteção do rosto com o corpo da garrafa pet de modo que faria uma máscara. Percebi que, mesmo com a dispersão de alguns em algumas situações, em outros momentos eles se mostraram bastante motivados e envolvidos.

4.2 Aula 2: primeiros passos



Na segunda aula desenvolvi atividades de jogos de oposição com objetivos comuns ao da esgrima. Meu objetivo era apresentar elementos da modalidade, mas em um contexto diferente, com um caráter mais lúdico e prazeroso. A partir de atividades mais gerais ir especificando até chegar a luta esgrima de maneira graduativa. Como podemos ver na imagem acima, mesmo o aluno perdendo o jogo ele não se sentiu triste ou revoltado, simplesmente riu porque era uma atividade que gostou e sabia que teria outra oportunidade de "brincar" e ser desafiado.



Mesmo os jogos de oposição tendo um perfil lúdico, percebi que os mesmos possibilitam que os alunos criem e utilizem diferentes táticas e técnicas, muitas vezes sem perceber e, assim, podendo se aproximar de alguns elementos da esgrima. Na atividade realizada na imagem acima, os alunos deveriam pegar o cabo do colega, que se localizava na parte lateral dos participantes. Ao observar com mais calma a fotografia, percebi um pequeno detalhe: a posição dos pés do aluno mais próximo a câmera. Sua posição se assemelha muito à técnica utilizada pelos atletas da esgrima. Esses elementos foram demonstrados nos vídeos apresentados na aula anterior e, acredito que o aluno se apropriou disso para a atividade. Nas aulas não pretendo ensinar os gestos técnicos de maneira repetitiva em nossas práticas, mas penso ser importante e interessante que o aluno conheça algumas das técnicas dos esportes e principalmente o porquê elas são utilizadas.



Durante as atividades os alunos não eram obrigados a fazer a prática. Uma das estratégias que adotei para a realização das minhas aulas em função de nosso espaço físico ser reduzido, para que eu possa observar a todos e garantir que os estudantes acompanhem as atividades, é a realização dos confrontos em duplas. Enquanto a %luta+ acontecia os demais permanecem sentados para não atrapalhar os colegas e acompanhar a atividade. O participante que ganhava a atividade continua no meio e escolhe o próximo a ir com ele (não podia escolher quem já participou até que todos já tenham sido escolhidos). Em alguns momentos eu também escolhia para evitar as %panelinhas+. Essa dinâmica foi um acordo feito com todas as minhas turmas. Considero essa forma de desenvolver a aula interessante, pois apesar dos alunos praticarem menos atividades, tenho evitado que se machuquem. Além disso, durante a prática dos colegas surgem frases frequentes como: "nó, agora sei o que vou fazer quando for minha vez de novo", pois acaba sendo um momento de reflexão e aprendizagem de novos modos da fazer e praticar os gestos e movimentos.



Ao longo da aula, as atividades foram sofrendo variações e adaptações com o objetivo de buscar uma proximidade com a esgrima. Iniciamos com a atividade sem um implemento e com um espaço livre, posteriormente reduzi os espaços da lateral, para que as crianças começassem a utilizar o deslocamento para frente e para trás. Em seguida, acrescentei um implemento (nesse caso tiras de tatame), como a produção dos equipamentos só aconteceriam na aula 4, pois os alunos teriam que juntar o material necessário e também é importante que os alunos experimentem as atividades com diferentes implementos (diferentes formas, tamanhos e pesos). Por fim, nesta aula também utilizamos os árbitros que foram os próprios alunos. Eles realizaram ações de marcação dos pontos e as infrações. Isso possibilitou o contato inicial com algumas regras. A figura do árbitro foi percebida pelos alunos como uma posição tão importante como a dos competidores.

4.3 Aula 3: apropriação de um implemento

Dando continuidade ao desenvolvimento da unidade didática, na terceira aula busquei trabalhar a dimensão espacial somada à manipulação do implemento. O implemento foi se modificando ao longo das atividades de maneira que o mesmo apresentou diferentes formas, tamanhos e pesos. Uma das características da esgrima é a delimitação do espaço permitido para a ação do combate. Para que os alunos conseguissem assimilar isso, realizamos atividades que, progressivamente, reduziam o espaço de ação. Para minha surpresa os estudantes criaram estratégias e maneiras, respeitando as regras propostas, para usar as circunstâncias ao seu favor, como foi o caso da primeira atividade apresentada na fotografia a seguir:



Nesta atividade os alunos tinham apenas o espaço de um bambolê para poderem ser movimentar. O objetivo era fazer que o adversário saísse da área dele. Porém, como os bambolês não estavam presos ao chão, alguns alunos abriam as pernas e o bambolê subia um pouco e assim ganhavam um pouco mais de espaço e uma melhor forma de equilíbrio. Inicialmente pensei em interromper a atividade e acrescentar uma nova regra mas, em seguida, pensei um pouco melhor: como um dos meus objetivos é permitir e possibilitar meios para que os alunos consigam criar suas próprias estratégias para vencer os desafios e, como não havia uma regra que impedisse essa ação, acabei deixando que a atividade seguisse assim mesmo. Os alunos utilizavam de diferentes meios para tentar vencer, as vezes precisando mudar sua estratégia porque o adversário atual viu como tinha vencido o anterior e realizou uma ação que não permitia que tal façanha fosse eficaz.



Percebi também que algumas das ações dos alunos estavam se distanciando dos objetivos da aula. Dessa forma, tive que modificar um pouco a atividade para voltar ao tema proposto: demarcamos uma área fixa no chão e não poderia ocorrer contato corpo a corpo, apenas por meio do implemento. Com essas ações conseguimos manter a linha de raciocínio da unidade didática



O segundo tipo de atividade da aula permitia que os alunos se deslocassem para frente e para trás, de forma similar à esgrima, porém em um espaço bem estreito. Percebi que nessa atividade os alunos, além de terem que se concentrar para se equilibrarem, também tinham que se preocupar com o seu oponente.



Com esta aula consegui perceber que nem sempre o que se planeja ocorre da maneira que esperamos. Ao elaborar as atividades não previ as diferentes apropriações e estratégias produzidas pelos estudantes. Percebi que é necessário estar aberto à essas possibilidades. Entretanto, não estou afirmando aqui que o

professor deve deixar que a aula seja uma %caixinha de surpresas+ para ele. Entretanto, é interessante tentar não podar demais as ações dos alunos, pois, às vezes, as crianças nos apresentam um outro olhar para a aula.

4.4 Aula 4: construção dos equipamentos

A quarta aula foi reservada para a construção do nosso material para a prática da esgrima. O previsto inicialmente era que cada aluno trouxesse o seu próprio material para a construção do sabre (jornal) e uma máscara feita de garrafa pet. Porém, alguns alunos trouxeram a mais e outros de menos. Na escola já havia muito jornal, entretanto, para a máscara ficou faltando algumas garrafas, dessa forma foram feitas em duplas.

A primeira parte da aula foi dedicada à construção dos sabres. As crianças finalizaram a atividade antes do tempo que eu havia previsto. Fiquei meio surpreso, mas caso sobrasse tempo havia ainda outras tarefas a serem feitas. Apresentei algumas orientações básicas, mas deixei que fizessem, cada um, o sabre de sua maneira. Assim, foram surgindo alguns sabres maiores, menores, gordinhos e magrinhos... Só quando percebia que o formato poderia influenciar na prática e que pedi para refazerem.



Com o sabre pronto, mas, ainda sem "personalizá-los", iniciamos a construção das máscaras de proteção. Eu demonstrava para os alunos como poderia ser feito e deixava que eles tentassem construir sozinhos, caso precisassem de ajuda estava por perto. Para a construção das máscaras deixei vários durex coloridos para a proteção e enfeite de seus equipamentos e assim virou uma festa total. O tempo

acabou passando sem que eu e nem os alunos percebêssemos. O lanche já estava sendo oferecido. Entretanto, os alunos se negavam a arredar o pé da sala. Além disso, alunos de outras turmas se aproximavam da sala querendo entender o que estava acontecendo e que material era aquele que os colegas estavam construindo.



4.5 Aula 5: enfim a luta

O quinto encontro foi dedicado as vivências que simulavam uma competição de esgrima. Algumas das regras foram modificadas, como não se tratava de uma competição oficial foram feitas algumas adaptações para uma melhor vivencia dos alunos, como na aula anterior já havíamos construído os sabres individuais para cada aluno e a proteção para o rosto em duplas, realizamos um pequeno campeonato de chaves e em duplas, de modo que os alunos não lutassem com sua dupla, (exemplo: o aluno 1 da dupla %A+ lutava com o aluno 1 da dupla %B+, o 1 do %C+ com o 1 do %D+ e assim sucessivamente. Posteriormente o aluno 2 da dupla %A+ lutava com o aluno 2 %B+ e as final as duplas com as pontuações mais baixas eram eliminadas.

As lutas ocorreram entre dois alunos, de forma que cada um usou o seu equipamento (sabre e máscara), ou podia utilizar o da sua dupla. A área para a atividade foi demarcada com o tatame de modo que se o aluno saísse da área determinada daria 01 ponto ao adversário. Além disso, os estudantes poderiam acertar qualquer parte do adversário com a ponta de sua arma para marcar o ponto.



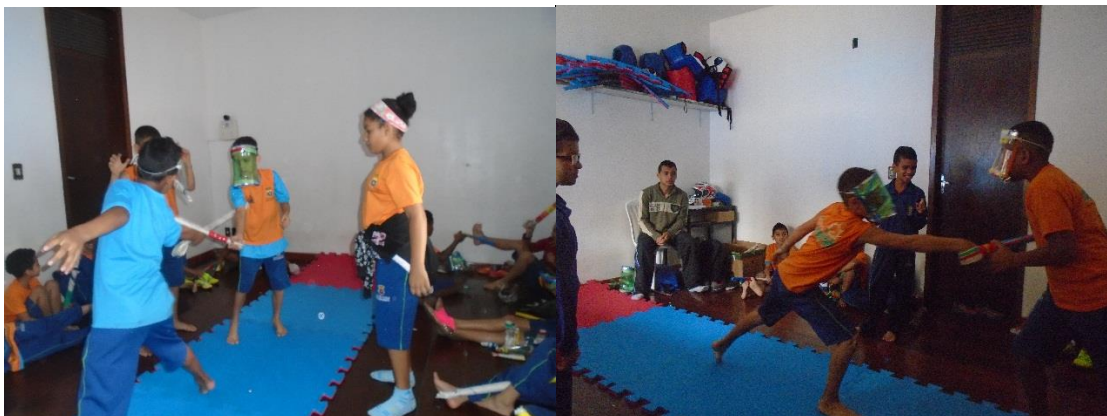
Junto aos dois competidores e seus equipamentos, também havia um arbitro central que determinava quem marcou o ponto primeiro e se o mesmo foi valido. Para auxiliar o alunos(a) que fazia o papel de árbitro incluímos um colega que o aconselhava caso tivesse duvidas e marcava os pontos, função que apelidamos de %placar eletrônico+. Tanto o arbitro e o %placar+ eram de duplas que não estavam competindo no momento e a cada combate trocavam de funções de modo que todos os alunos ao menos uma vez tiveram a oportunidade de participar de tudo.



Durante a realização da competição procurei me omitir um pouco, e deixar com que os próprios alunos tomassem conta da situação, principalmente quanto às reclamações a decisão final seria a do árbitro, exceto é claro em situações extremas, como exemplo ele fosse muito tendencioso ou estivesse totalmente perdido.



De uma maneira geral gostei e me surpreendia com as lutas, não tive problemas de falta de respeito com os colegas, principalmente por se tratar de uma competição. O único comentário negativo que escutei na aula foi quando uma dupla perdeu na semifinal e ao saber que não daria tempo de ir de novo falou: %nem queria lutar mesmo, não vou ganhar nada!+Naquele momento, olhei para a dupla e pensei em responder algo, entretanto, antes que eu conseguisse formular um argumento, um aluno de uma outra dupla que também havia sido %derrotada+disse: %mas eu nem tava lutando para ganhar nada, só estava querendo brincar+ Então voltei pra minha cadeira e me sentei em silêncio.



Por fim, acho importante destacar o modo como as imagens fotográficas me auxiliaram a perceber os gestos técnicos realizados pelos estudantes. Movimentos e gestos muito próximos ao da técnica utilizadas nas competições foram produzidos em várias ações nos combates. Mesmo não sendo ensinado o uso da técnica por

repetição como no ensino analítico e por partes, os alunos se apropriam de ações nos jogos de oposição e no próprio combate em vários casos de maneira incidental e acabam realizando movimentos bem similares ao de atletas profissionais.

4.6 Aula 6:Fim

Esta foi a última aula prescrita da unidade didática de esgrima cujo o objetivo foi realizar uma avaliação somativa em relação às aulas anteriores. Inicialmente relembramos algumas atividades que fizemos nas aulas e, em seguida, distribuí uma folha de papel ofício em branco para cada aluno. Nessa folha eles deveriam escrever uma frase ou um texto do que eles aprenderam nas aulas: o que mais gostaram, o que mais chamou à atenção, o que não gostou e/ou o que gostariam de ter feito de diferente. Após esse registro, na parte de trás da folha, eles fizeram desenhos sobre as aulas.

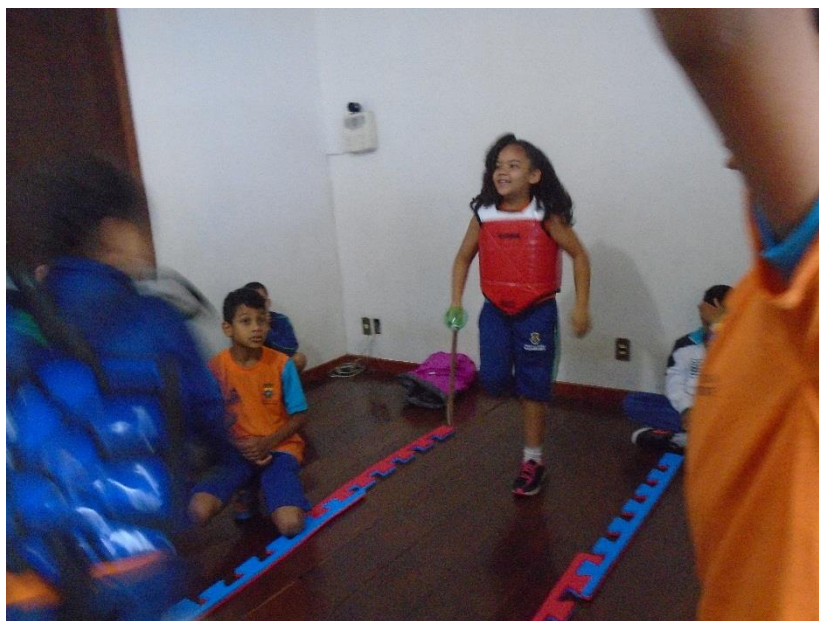


Ao final dessa atividades, recolhi todos as folhas e li em voz alta para que todos escutassem. Dessa forma, os alunos puderam conhecer o que seus colegas acharam de mais importante. Para não expor os alunos mais do que o necessário, não revelei quem escreveu ou fez o desenho, mas não impedi quem quis revelar a autoria.

Muitos registros dos alunos me surpreenderam. Vários estudantes lembraram-se de detalhes que passei na primeira aula e que eu nem esperava que dariam tanto valor. A estratégia do desenho me permitiu perceber que vários alunos se identificaram

como esgrimistas da escola; deram importância à construção dos materiais, com a marcação vivenciadas e dos pontos eletrônicos nas competições, as cores das luzes que acendem nos capacetes dos atletas entre outras coisas.

Após o fim dos registros fizemos uma roda e discutimos sobre a experiência com a esgrima e, como na aula anterior não houve tempo para que todos lutassem várias vezes, e os alunos demonstravam o interesse de repetir a atividade. Dessa forma, encerramos a unidade com mais um pouco de luta!



Esta última imagem me convida a uma reflexão: por mais que o tema da unidade e o modo como organizei as atividades colocasse os estudantes em situações de oposição, confronto e competição, a alegria e o envolvimento dos alunos sempre esteve presente. Os alunos se divertiram ao longo das atividades, mesmos aqueles que não estavam realizando ficavam de olhos atentos para ver o que estava

acontecendo e quando era a sua vez faziam as atividades de maneiras certas e tentando vencer porem sem intrigas e confusões.

5 ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS:

Nesse momento apresento algumas reflexões iniciais sobre o processo de elaboração e desenvolvimento da unidade didática de esgrima. Para tanto, tomarei como referência as narrativas produzidas e apresentadas anteriormente. Além disso, procurarei apresentar as reflexões a partir de dois eixos: um primeiro relacionado aos modos como os alunos se relacionaram com o tema e um segundo relacionado aos saberes mobilizados por mim ao longo do processo de desenvolvimento das aulas.

No tocante ao primeiro eixo, ao iniciar a unidade esperava que os alunos não tivessem um conhecimento prévio da esgrima, pois este esporte não é muito comum em suas práticas culturais. Entretanto, durante nossa primeira discussão sobre o tema já demonstraram conhecer um pouco do assunto, como algumas regras e equipamentos. Esta familiaridade se deu, provavelmente, devido a realização das olimpíadas Rio 2016. Por mais que eu não esperasse esse conhecimento prévio sobre a modalidade foi bom para um enriquecimento do debate com muita participação dos alunos.

Durante o desenrolar da unidade os alunos demonstraram interesse em participar e aprender com as atividades. Ao longo do desenvolvimento das aulas foi possível identificar a aproximação do uso de movimentos técnicos pertencentes a esgrima e também criaram suas próprias técnicas quando tiveram que adaptar as diferentes situações de combate e na manipulação de materiais. Como afirma Greco (2012), o aluno aprende jogando, mesmo de maneira incidental. Essas atividades foram construídas de forma similar aos jogos de Oposição+ de Souza Junior, Oliveira e Santos (2010).

Ao fim da unidade didática percebi que os alunos conseguiram aprender sobre a esgrima: vivenciaram algumas práticas, conheceram as regras, os equipamentos necessários e a importância dos mesmos para a prática, o papel dos árbitros nas competições, uma nova forma de agir com os seus corpos e se apropriar de um implemento em situações de ataque e defesa.

Em relação ao segundo eixo, inicialmente, destaco que quando optamos por trabalhar com a esgrima achei muito interessante, pois, mesmo trabalhando com lutas, até então não havia vivenciado esse tipo de modalidade, seja na condição de professor ou de praticante. Dessa forma, acredito que isso me motivou e encarei como um desafio pessoal. Como não conhecia muito bem a modalidade, tive que me informar e pesquisar como aplicar a esgrima na escola, procurando por regras, técnicas, competições, equipamentos oficiais e formas de adaptá-los.

Além de estudar, construir, adaptar e discutir atividades que ensinassem e exigissem situações similares de combate da esgrima em um contexto escolar, tivemos que pensar no material a ser adaptado e assim possível de utilizar durante as aulas. O material do implemento (arma a ser utilizada), não poderia ser muito duro e nem muito flexível para não machucar, mas também que possibilitasse alcançar nossos objetivos durante as atividades.

Como já destaquei anteriormente, já desenvolvo oficinas com a temática de lutas com esta turma. Mesmo assim, nem sempre ao propor uma atividade as coisas ocorreram como eu esperava, pois há muitas variáveis. Como exemplo, recordo-me de uma situação durante uma atividade da aula 3, que tinha o objetivo de restringir o espaço de ação dos estudantes, para isso utilizei de dois bambolês, os alunos teriam que ficar dentro dos mesmos e retirar o seu oponente dessa área. Porém um dos alunos começou a abrir os pés e fazer com o que o bambolê subisse, ganhando assim um maior espaço e realizando com isso uma ação que eu não tinha previsto.

Mesmo o aluno não estando errado, foi uma ação não desejada por mim, isso ocorreu porque ele leu a situação do seu jeito. Como esta ação não infligia nenhuma regra pré-estabelecida e não interferiu no objetivo final da atividade, achei melhor deixar que o aluno continuasse com sua estratégia por um tempo, porém quando com a atividade começou a fugir do objetivo proposto intervi e mudei de atividade, mas agora tendo cuidado de restringir a ação adotada pelo aluno.

São situações como estas que, posteriormente, ao elaborar as narrativas, me fizeram pensar e repensar nas minhas atitudes adotadas durante as atividades. Uma aprendizagem percebida por mim nesse processo foi de aceitar mais a possibilidade de várias ações dos alunos, no decorrer da aula, se afastarem das minhas expectativas iniciais. Aprendi a observar e respeitar mais as ações dos estudantes.

O envolvimento dos alunos com o tema é muito importante, pois eles podem perceber uma situação diferente dos adultos e até mesmo entre eles. Em uma das aulas quando estávamos decidindo qual seria o material a produzir o nosso equipamento para as práticas, estávamos decidindo como fazer a proteção para o rosto expus a ideia de fazer óculos feitos de garrafa pet. Entretanto, um aluno levantou a mão e me perguntou: "Professor por que não fazemos com a garrafa igual uma máscara?". Uma coisa tão simples que chegava a ser até óbvia, porém eu pensava em fazer algo tão mais trabalhoso e que nem protegeria tanto.

Com o auxílio das narrativas e do uso das fotografias foi possível ver, rever e refletir sobre situações das aulas. A primeira situação, o ver, seria conseguir direcionar a atenção em detalhes que não havia visto durante a aula, como em algumas situações durante as atividades alguns alunos conseguiram fazer determinados gestos técnicos que durante a aula foi imperceptível pra mim, pois estava atento a outros alunos, situações e não consegui perceber isso durante a aula e ao ver a imagem conseguiu tomar ciência.

O rever, se enquadra em uma confirmação do que eu vi ou percebi durante as aulas e ao observar as imagens me trouxe recordações que e enriqueceu as narrativas. O refletir já está presente quando penso e escrevo o que aconteceu na aula ou na própria preparação da mesma, em minhas atitudes, nas atitudes dos alunos, o que deu certo, o que poderia melhorar e o poderia ter ocorrido de diferente durante todo o processo. Quando acontece algo de errado durante uma atividade o professor já tende a corrigir na própria atividade ou a finaliza e começa uma nova com o problema já resolvido. Na aula posterior o professor não irá cometer o mesmo erro, o ato de registrar suas próprias práticas em forma de narrativas já o faz gerar aprendizado de seus próprios erros e assim conseguir lidar melhor futuramente com situações similares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas e as pesquisas autobiográficas, como já mencionadas neste trabalho, apresentam um importante papel na formação dos professores, tanto na formação inicial, quanto na formação continuada. São em trabalhos como este que podemos observar, analisar, refletir sobre ações e processos na realidade da escola. Isso gera um aprendizado não só para os alunos, que são o foco do ensino, mas também na própria formação dos docentes, de maneira que aprendam com os erros, proporcionando novos meios para desenvolver suas aulas. Entretanto, para isso é necessário um tempo para repensar o que ocorreu em sua prática, identificando qual foi o erro para então corrigir, dessa forma o docente estará em uma constante formação.

A produção de mais textos acadêmicos com essas características, possibilita que outros docentes compartilhem suas experiências, promovam suas próprias reflexões e consigam aprimorar cada vez mais suas práticas. Principalmente em casos de novos professores que ao iniciar na docência se deparam com diversas situações que não estavam preparados para resolver. Situações essas que ocorrem ao ensinar uma temática que o docente não está acostumado, como foi o caso deste trabalho, não havia uma prática anterior com a esgrima, então foi necessário pesquisar e informar como abordar a esgrima na escola, foram encontrados alguns textos e vídeos que me ajudaram, porém se encontrasse textos com esses atributos enriqueceria muito mais.

A prática das lutas no âmbito escolar tem ficado cada vez mais comum, isso porque a popularização dessa prática criou uma melhor aceitação dos alunos e dos professores para que seja desenvolvida. Assim como aponta Betti e Zuliani (2002), o professor de Educação Física durante suas aulas, não deve ensinar apenas fundamentos técnicos e táticos, mesmo estes sendo importante, o aluno também precisa aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo.

Ao invés de fazer a prática de golpes por repetição utilizamos aqui neste trabalho os jogos de oposição e conseguimos observar que os alunos durante as atividades

conseguiram realizar técnicas do esporte, além de também criarem suas próprias técnicas, isso porque foram instigados a pensarem por eles mesmos, comprovando que são capazes de construir e reconstruir estratégias para alcançar os objetivos e não ficarem apenas replicando gestos impostos a eles.

Para finalizar, este trabalho me possibilitou conhecer uma nova modalidade esportiva, ser instigado a criar adaptações do mesmo para ser aplicado na escola, levando em consideração os espaços e recursos materiais disponíveis e me fez ter um olhar diferente sobre as minhas próprias aulas. Ao narrar minhas experiências tive a oportunidade de comparar minha prática com a teoria e assim também deixando mais fácil verificar minhas dificuldades, erros e acertos perante a situações do meu cotidiano como docente e deste modo aprendendo comigo mesmo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 135-147.

ALMEIDA JÚNIOR, A. S. "**Vem jogar mais eu, Mano Meu**": narrativas de ensinar aprender capoeira na escola. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 7, 2016.

AMARAL, Júnia Costa *et al.* **Programa Escola Integrada: a atuação do gestor escolar**. 2014.

Belo Horizonte 2007. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=18827&chPlc=18827&viewbusca=s>. Acessado em: 25 agosto 2016.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I . **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2013.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-82, 2002.

BRASIL. BNCC: apresentação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/video>. Acessado em: 15 julho de 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

CORREIA, W.R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.1-9, 2010.

CUNHA, M. I. Conta-Me Agora! As Narrativas Como Alternativa Pedagógica Na Pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, v. 23, n.1/2, p. 185-195, 1997.

DARIDO, S. C; de OLIVEIRA, A. A. B; GONZÁLEZ, F. J. "**Coleção Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento**: 4. Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. 2014.

DRIGO, A. J; OLIVEIRA, P. R; CESANA, J; NOVAES, C. R. B; SOUZA NETO, S. A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 86, 2005.

ESCOLA integrada. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/06/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_Programa-Escola-Integrada.pdf. acessado em 15 de agosto de 2016.

- FERREIRA, H. As lutas na Educação Física Escolar. **Revista de Educação Física**, n. 135, p. 36-44, 2006.
- FETT, C. A; FETT, W. C. R. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. **Motriz : Revista de Educação Física (Online)** , v. 15, p. 173-184, 2009.
- FINCK, Sílvia Christina Madrid. **A Educação Física e o Esporte na Escola: cotidiano, saberes e formação**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.
- GOMES, Mariana Simões Pimentel *et al.* Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v.16, n.2, p. 207-227, 2010.
- GONÇALVES, Antônio Sérgio; PETRIS, Liliane. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral, 2006b. In: **Cadernos CENPEC/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária**. Educação Integral, n. 2, 2006.
- GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Base nacional comum curricular (BNCC): comentários críticos. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 2, n. 1, 2015.
- GRECO, Pablo Juan. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental. ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 20, n. 2, p. 151, 2012.
- HIRATA, D. S; DEL VECCHIO, F. B. Preparação física para lutadores de Sanshou: Proposta baseada no sistema de periodização de Tudo O Bompá. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n.8, p. 2-17, 2006.
- LEMO, Renan. A Influência da Prática de Artes Marciais na Redução da Agressividade em Adolescentes nas Aulas de Educação Física Escolar. **Polêmica** , v. 11, p. 414-423, 2012.
- MADURO, Luiz Alcides. Considerações e sugestões para o ensino das lutas no ambiente escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 6, n. 2, 2016.
- MAZZONI, A. V; OLIVEIRA JUNIOR, J. L. **Lutas: da pré-história à pós-modernidade**. GEPEF. São Paulo: USP, 2011. 15 p.
- MORGAN, F. E. Living the martial way. **A manual for the way a modern warrior should think**. Fort Lee, New Jersey: Barricade Books, 1992.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V. TRIVINOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- PRADO, G.V.T; DAMASCENO, E. A. Saberes Docentes: narrativas em destaque. In: VARANI, A. FERREIRA, C.R., PRADO, G.V.T. (orgs). **Narrativas docentes: trajetórias de trabalhos pedagógicos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p.15-28.

PRADO, G.V.T.; SERODIO, L.A.; PROENÇA, H.H.D.M.; RODRIGUES, N.C. **Metodologia Narrativa de pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2015. 213p.

RESENDE, Mary Margareth Marinho. **Escola integrada: uma proposta de educação para todos.** Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, 2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física.** Porto Alegre: Penso, 2015.

So, Marcos Roberto; Mauro Betti. **Panorama das lutas como conteúdo temático da disciplina de educação física,** 2013.

SOUZA JUNIOR, T. P; DOS SANTOS, S. L. C. Jogos de Oposição: nova metodologia de ensino dos esportes de combate. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital.** Buenos Aires, v.14, n.141. 2010. <http://www.efdeportes.com/efd141/metodologia-de-ensino-dos-esportes-de-combate.htm>

SOUZA JUNIOR, T. P; OLIVEIRA, S.R.L; DOS SANTOS, S. L. C. Artes Marciais, Esportes de Combate ou jogos de oposição? **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital.** Buenos Aires, v.15, n.158. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd148/artes-marciales-o-jogos-de-oposicion.htm>. Acessado em 20 de agosto de 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

SILVA, Ana Maria Clementino Jesus e. **Trabalho docente e educação em tempo integral: um estudo sobre o programa escola integrada e o projeto educação em tempo integral.**188 p. Dissertação (Mestrado em Educação) . Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 323.

APÊNDICE

Unidade didática

Professor: Matheus Henrique Lopes

Turma: Canarinho

Tema: praticando, conhecendo a esgrima na/da escola.

Justificativa: devido ao fato desta turma já ter aproximadamente dois anos praticando atividades de lutas na escola, já apresentam um entendimento rudimentar sobre a mesma. Então pretendemos apresentar uma nova modalidade de luta (de longa distância), que eles ainda não vivenciaram na escola e com ela podem gerar diferentes tipos de vivências e práticas.

Objetivos: Elaborar e executar estratégias relacionadas a dinâmica de uma nova luta e também realizar ações de ataques e defesas utilizando um implemento (similar a um sabre e a uma espada).

Aula 1

Subtema: Conhecer a esgrima como esporte e como pratica corporal.

Objetivo da aprendizagem: Conhecer as regras, equipamentos e espaços da esgrima, suas concepções gerais e quem pode pratica lá.

Atividades:

1. Conversar com os alunos sobre o que é e como são as características da esgrima;
2. Pequenos vídeos mostrando as regras, o combate, equipamentos, os praticantes e os tipos de competição.
3. Confrontação de ideias, o que os alunos falaram X vídeos; atividades que já fizeram X a esgrima.
4. Discursão sobre o que acharam de mais interessante no vídeo, o que seria necessário para praticar a esgrima e como podemos praticar a esgrima na escola.
5. Decidir o material para a construção dos equipamentos e como será feito.

Procedimento da avaliação: participação e envolvimento no debate.

Aula 2

Subtema: aproximação a esgrima, primeiros passos.

Objetivo da aprendizagem: por meio de atividades/jogos dinâmicos, começar a tomar consciência da tática de luta similar a esgrima.

Atividades:

1. Pega Rabo - os alunos com um colete na cintura (rabo), devem tentar pegar o rabo do adversário e quem pegar ganha. A atividade começa podendo se movimentar no tatame todo, posteriormente a mesma atividade será em linha como na esgrima.
2. Acerte o balão . os alunos terão um balão amarrado em algumas partes de corpo com ajuda de um barbante, se apropriando com um implemento deve acertar o balão do colega sem deixar que ele acerte o seu. Atividade realizada em linha.

Procedimento de avaliação: estratégias adotadas pelos alunos, compreensão do jogo.

Aula 3

Subtema: ataque e defesa com implemento.

Objetivo da aprendizagem: noção espacial, ataque e defesa com implemento.

Atividades:

1. Em cima de um objeto que os alunos podem se locomover, mas exigindo um pouco de equilíbrio, os alunos devem com a ajuda de um implemento derrubar os adversário.
2. Com duas marcações no chão, com uma área similar de um bambolê, os alunos permanecem em sua área e com o implemento deve fazer com que o oponente saia da área delimitada dele.

Procedimento de avaliação: estratégias adotadas pelos alunos, compreensão dos jogos.

Aula 4

Subtema: equipamentos

Objetivo da aprendizagem: produzir os equipamentos de esgrima para a aula.

Atividades: construção do material pelos próprios alunos.

Procedimento de avaliação: envolvimento para a construção e os próprios equipamentos.

Aula 5

Subtema: luta de esgrima na/da escola.

Objetivos de aprendizagem: lutar a esgrima conforme as regras pré estipuladas na aula.

Atividades: O combate da esgrima de maneira adaptada a ser praticada na escola.

Procedimento de avaliação: concepção das regras, envolvimento com a luta.

Aula 6

Subtema: avaliação da unidade didática

Objetivos de aprendizagem: conclusão de tudo o que foi desenvolvido ao longo das aulas dessa unidade.

Atividades:

1. Conversa sobre o que foi aprendido, desenvolvido, o que mais acharam legal e interessante para todos.
2. Construção de texto e também utilizando imagens como meio de demonstrarem o que acharam mais importante, interessante e o que aprenderam nas aulas.

Procedimento de avaliação: o material construído pelos alunos.

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Titulo da pesquisa:

Í Praticando e conhecendo a esgrima na/da escolaÍ

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidar seu(a) filho(a) a participar da pesquisa **Praticando e conhecendo a esgrima na/da escola**, realizada nas aulas do Programa Escola Integrada da Escola Municipal Padre Flavio Giammetta.

O objetivo da pesquisa é a construção e o desenvolvimento de uma Unidade Didática sobre a esgrima ensinada na escola.

A participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma: prática e registro fotográfico das aulas ministradas pelo professor.

Gostaríamos de esclarecer que a participação é totalmente voluntária, podendo o estudante: recusar a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à ele. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Ao longo das aulas será utilizada uma câmara digital para registro fotográfico e posterior análise e compreensão da aula.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode entrar em contato **Matheus Henrique Lopes, tel. (31) 99259-6794, e-mail: Í matheushl.ed@gmail.comÍ .**

Belo horizonte, ____ de _____ de 2016.

Pesquisador Responsável

RG: MG-13.990.347 Matheus Henrique Lopes, graduando em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

_____ (aluno) tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Assinatura do responsável: _____

Data: _____

Obs: Caso o participante da pesquisa seja menor de idade, deve ser incluído o campo para assinatura do menor e do responsável.